

## Caminho da recuperação

**O** estudo divulgado na quarta-feira pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base em dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrando que a crise não chegou a afetar a expansão da classe média brasileira, refletiu aspectos que sobressaem, até certo ponto, como surpreendentes na avaliação das turbulências econômicas iniciadas há um ano e na mensuração de seus efeitos diretos e indiretos nos diversos segmentos sociais.

Verifica-se, nesse sentido, nas palavras do responsável pela pesquisa, Marcelo Neri, que "a crise não afetou muito o bolso do brasileiro, e as periferias foram os lugares menos afetados, o que não aconteceu na crise do final da década de 90".

Ademais, de acordo com a conclusão por ele enunciada, a classe média "tirou o país da recessão" ao aquecer o consumo. "O brasileiro empatou com a crise. Em janeiro, devido ao desemprego, houve uma perda, mas esse efeito já foi revertido".

Constata-se ainda, segundo o documento da FGV, que as classes A e B, com renda domiciliar superior a R\$ 4.807 e correspondendo a 14,97% da população, tiveram retração de 0,5% em julho deste ano, ante julho de 2008. Enquanto isso, a população economicamente ativa incluída na chamada classe C (com renda domiciliar de R\$ 1.115 a R\$ 4.807) representava, em julho, 53,20% do total, o que significa um crescimento de 2,5% ante o ano anterior.

No mesmo período, a classe D (renda entre R\$ 804 e R\$ 1.115) diminuiu 4,1% em relação a julho do ano passado, passando a representar 13,51% dos brasileiros. Já a classe E (renda inferior a R\$ 804) apresentou recuo de 3,3% em um ano, passando a representar 18,32% da população.

Em síntese, como assinalou o responsável pela pesquisa, "no período pré-crise, em cinco anos, houve um crescimento da classe das classes A e B de 35% e da classe C de 23%, ao passo que, no pós-crise, a boa notícia é que houve algumas perdas iniciais que já foram recuperadas".

Hoje, conforme acentuou, as classes A e B es-

tão 0,5% abaixo de um ano atrás, e a classe C está 2,5% acima, ou seja, a crise não afetou o bolso do brasileiro comum".

Outro ponto digno de nota, em sua perspectiva de apreciação, é que "talvez as periferias sejam menos conectadas aos mercados externos via exportação ou aos mercados financeiros, que foram os mecanismos de transmissão da crise". Em contrapartida, o mercado interno gera atividade, emprego e renda: "É um ciclo virtuoso no qual as periferias, em particular, protegem a economia brasileira dos efeitos da recessão mundial".

Tudo isso se articula também a um quadro evolutivo que se espera venha a ser confirmado hoje pelo IBGE, com a divulgação do PIB do segundo trimestre, no cotejo com o anterior, tendendo a refletir uma reação que embora insuficiente, como vaticinam analistas autorizados, para romper limitações ainda presentes nas projeções para este ano, abrem, contudo, perspectivas positivas de incremento das atividades econômicas, em escala e ritmo compatíveis com a desejada retomada do desenvolvimento. ■